

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE DIFERENTES  
CONCEPÇÕES DE IDEOLOGIA E SUA APLICABILIDADE NAS  
PRÁTICAS EDUCACIONAIS.**

**Teresinha de Jesus Soares Leite Dias**

**RIO DE JANEIRO  
2003/2**

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II**

**REITOR: PIETRO NOVELINO  
DECANO: LUIZ EDUARDO MARQUES DA SILVA  
DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO: MARIA AMÉLIA  
GOMES DE SOUZA REIS  
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA: CARMEN  
SANCHEZ  
PROFESSORA DE MONOGRAFIA II: LÍGIA MARTHA COIMBRA  
DA COSTA COELHO**

**IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE DIFERENTES  
CONCEPÇÕES DE IDEOLOGIA E SUA APLICABILIDADE NAS  
PRÁTICAS EDUCACIONAIS**

**TERESINHA DE JESUS SOARES LEITE DIAS**

**Monografia apresentada à Escola de  
Educação da UNIRIO como requisito  
para obtenção da Licenciatura Plena  
em Pedagogia.**

**Professora Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Angela Maria Souza Martins**

**Rio de Janeiro  
2003/2**

“A doutrina materialista de que os homens são produto das circunstâncias e educação, que homens diferentes são portanto produto de outras circunstâncias e de uma educação diferente, esquece que as outras circunstâncias são, na verdade, modificadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado.”

Karl Marx

## **TESES SOBRE FEUERBARCH**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Senhor Deus, a quem sirvo, seja dada toda honra, toda glória e todo louvor. A Ele toda gratidão do meu coração.

Aos meus pais, Geraldo (In memorian) e Antônia minha querida mãe, mulher virtuosa e lutadora que, sem qualquer tipo de receio ou temor, apoiou-me e sempre permanecerá auxiliando minha carreira.

Aos meus queridos familiares, meus irmãos Henrique, João, Sinval, Manoel, Daniel. Obrigado pelo apoio!

Aos meus tios Sheick, Mirian e meus primos e irmãos Michelle, Jean e Paolla. Obrigado pelas palavras de incentivo, pelo carinho e pelo amor dispensados a mim! Eu amo vocês!

Ao meu esposo e companheiro David. Obrigado pelo carinho, pelas palavras de ânimo e incentivo, pelo amor e pelo cuidado que sempre tem demonstrado a mim. Te amo muito!

À minha filha amada e querida Júlia Emanuelle que através do seu nascimento me trouxe alegria e força para viver e lutar por um país melhor.

Aos meus amigos que estiveram presentes durante a minha caminhada acadêmica.

Agradeço também à minha amiga e orientadora, a Professora Ângela Maria, por ter acreditado em minha capacidade para realizar este trabalho e assumindo, comigo, a ousadia da sua elaboração.

Enfim, sou grata a todos aqueles que, de alguma forma, me acompanharam e torceram por mim ao longo do meu processo de graduação.

## RESUMO

Muitas são as ideologias que permeiam a sociedade e que determinam os diversos tipos de relações sociais. É no interior dessas relações que são geradas as concepções ideológicas que poderão ou não influenciar e direcionar os diferentes setores sociais. Este trabalho objetivou analisar as diferentes concepções de ideologias que subjazem o trabalho docente, o discurso e a prática pedagógica, verificando como a ideologia serve aos mecanismos de exclusão no processo educacional. Como referencial metodológico foi utilizada nesta investigação a pesquisa bibliográfica, através da qual realizaram-se leituras, análises críticas e diferentes interpretações sobre a categoria ideologia. Como resultado e conclusões percebemos que a teoria marxista sobre o trabalho alienado aplica-se perfeitamente à análise do trabalho pedagógico nos moldes como ele vem sendo realizado.

## SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo I	
O trajeto conceitual da categoria ideologia ao longo da História.....	10
1.1- Onde surgem as ideologias.....	11
1.2- Visão marxista de ideologia.....	13
Capítulo II	
Concepção atual de ideologia.....	28
2.1- Níveis ideológicos.....	29
Capítulo III	
O universo escolar dominante.....	31
3.1- Fragmentação e alienação no currículo da escola.....	35
3.2- A escola alienante.....	36
Considerações finais.....	40
Bibliografia.....	43

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho originou-se de um amplo projeto de pesquisa intitulado “EDUCAÇÃO E HISTÓRIA CULTURAL: REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CATEGORIAS TEORICAS”, coordenado pela Professora Doutora Ângela Maria Souza Martins, do Departamento De Fundamentos da Educação, do Centro de Ciências // Humanas da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), no período de agosto de 2001 a // janeiro de 2003, e<sup>m que</sup> buscamos traçar a trajetória do conceito de ideologia de acordo com // alguns autores clássicos no estudo de tal concepção.

Preocupados com o processo de transformação social, buscamos conhecer melhor o papel da educação nesta sociedade, na sociedade capitalista. Estudar Educação é importante como estudar qualquer outro campo do conhecimento, qualquer prática social, desde que leve em conta o processo global da sociedade. Este tipo de estudo permite antecipar, planejar uma ação, refletir a prática do educador e seu papel na transformação desta sociedade.

Educar é transmitir idéias, conhecimentos que através de uma prática podem transformar ou conservar a realidade. A educação, portanto, é medição entre teoria e prática. Por isso, nosso objetivo é analisar as diferentes concepções de ideologia segundo: Marx, Gramsci e Althusser com o intuito de proporcionar a compreensão, e articulação desse conceito com o estudo da educação e analisar a aplicabilidade do conceito ideologia no campo da educação naquilo que se constitui o fazer pedagógico, verificando como a ideologia serve aos mecanismos de exclusão no processo educacional e se a escola é ou não um mecanismo de reprodução da ideologia dominante.

A partir das discussões nos textos, percebemos que o conceito pesquisado é fundamental para <sup>o</sup> compreensão da história da educação. Verificamos que o discurso // educacional está permeado de idéias, valores e crenças que consolidam determinadas // posturas no ato de educar e também conferem um perfil às instituições escolares.

Como vivemos numa sociedade dividida em duas classes antagônicas (a burguesia e o proletariado), pensar educação é pensar educação de classe. Como as



150770

idéias dominantes de uma época são as idéias da classe que domina a sociedade, na nossa sociedade são as idéias burguesas que dominam. Então é a educação burguesa que domina e tem o papel de conservar a realidade para garantir sua dominação. A educação na sociedade capitalista tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo papel é o de reproduzir a sociedade burguesa, através da inculcação da sua ideologia e do credenciamento, que permite a hierarquia na produção, o que garante maior controle do processo pela classe dominante.

Assim, a escola como aí está, pouco colabora na luta do proletariado contra o dominador, na luta capital x trabalho: contradição principal da sociedade capitalista. A educação do proletariado enquanto classe não se dá na escola. A escola burguesa dá os instrumentos necessários para reprodução desta classe e como esta relação também é dialética, ao mesmo tempo que estes instrumentos contribuem para reproduzir a classe, eles também podem ser úteis na sua luta contra a burguesia.

Frente a estas colocações precisamos conhecer a nossa realidade e o papel que a educação aí desempenha. Lembrar que a realidade é dialética, que existe ação recíproca entre infra e superestrutura, que esta última, apesar de ser determinada pela primeira, goza de uma autonomia relativa. Por isso, devemos pensar educação e realidade nos questionando se a escola poderia ser diferente do que ela é.

*Na introdução, é usual  
apresentar o objeto de estudo,  
o problema, os objetivos, a  
justificativa, a metodologia  
utilizada... "cadi"?*

## CAPÍTULO I

### O TRAJETO CONCEITUAL DA CATEGORIA IDEOLOGIA AO LONGO DA HISTÓRIA

A ideologia é um conjunto de convicções e conceitos que pretende explicar fenômenos sociais complexos com o objetivo de orientar e simplificar as escolhas sócio-políticas que se apresentam a indivíduos de grupos.

O significado moderno do termo ideologia originou-se no grupo de “savants” da Revolução Francesa. Os “savants” pretendiam criar um centro de pensamento revolucionário, iniciativa que localizava-se no “Institut de France”. Este grupo foi denominado de ideólogos, eram porta-vozes das idéias revolucionárias no período da Revolução Burguesa, na França. O objetivo do grupo era realizar na prática o que eles concebiam como “promessa” da Revolução – a liberdade de pensamento e expressão. E o eixo teórico dessa discussão é a relação história/pensamento.

O termo ideologia compõe-se de duas palavras gregas: (idéa = idéia) + (logia = estudo, ciência). O termo foi criado por Destutt de Tracy, em 1796. Com essa palavra, ele queria designar uma “nova” disciplina filosófica, cujo objetivo seria o estudo das idéias.

Destutt de Tracy foi o primeiro teórico a preocupar-se com a elaboração de uma ciência sobre a origem e as leis de formação das idéias. Escreveu a obra “Elements d’Ideologie”. Ele pretendia revelar a historicidade das idéias, mas também queria que essa revelação produzisse um conhecimento verdadeiro e universal da natureza humana.

Em pouco tempo, o sentido específico pretendido por Tracy praticamente caiu em desuso. Após a Revolução Francesa, o termo adquiriu um sentido diferente graças a Napoleão Bonaparte. O general francês, respondendo às críticas que lhe eram feitas por um grupo de intelectuais, chamou-as de “esses ideólogos”, dando um caráter depreciativo à palavra. Napoleão pretendeu realçar o fato de que estes não sabiam o que diziam ou que ideologia significa um conjunto de idéias ocas, que <sup>9</sup>nada leva e que não corresponde à realidade dos fatos. //

Augusto Comte, na obra "Cours de Philosophie" analisa a ideologia sob dois ângulos: como uma atividade filosófico-científica que estuda a formação das idéias, observando as relações entre o corpo humano e o meio ambiente, por meio das sensações; e como conjunto de idéias de uma época.

Já Émile Durkheim, busca construir a Sociologia como ciência e para atingir tal propósito trata ideologia como uma pré-noção, uma concepção pré-científica. Coloca a ideologia no terreno da subjetividade, uma mera conjectura pessoal.

### 1.1 ONDE SURGEM AS IDEOLOGIAS

Existem dois tipos de cultura. O primeiro é aquele no qual, uma vez estabelecida determinada interpretação do mundo, essa se constitui na tradição de uma sociedade e seus membros, geralmente, por falta de capacidade crítica, a aceitam sem grandes questionamentos. Isso significa que não há possibilidades de diferentes leituras do mundo, mas ~~de~~ uma única. O segundo ocorre quando, ao invés da interpretação única, // surgem maneiras diferentes de explicar e agir no mundo.

No primeiro, predominam os mitos que oferecem uma interpretação eficiente, e, por isso, inquestionável do mundo; seus pontos de referência serão os antepassados heróicos, os deuses ou forças ocultas e, por isso, não precisam ser justificados mas, simplesmente aceitos.

No segundo, as diferentes maneiras de explicar o mundo precisam de uma garantia, que não é mais somente de ordem do sentimento ou da crença, mas também da racionalidade, isto é, para que uma interpretação seja aceita, precisa de fundamentos de caráter lógico. Nesse contexto cultural, onde se travam ~~se~~ os embates entre as diversas // leituras do mundo, prevalecendo uma sobre as outras, nele surgem as ideologias propriamente ditas.

O conceito e a teoria da ideologia também estão presentes na Psicologia Social e surgiu a partir da década de 70, quando muitos autores, principalmente da Europa e América Latina, começaram a incorporar o tema em seus estudos e pesquisa. Moscovici, por exemplo, chega a afirmar que "*o objetivo central e exclusivo da*

*Psicologia Social deve ser o estudo de tudo o que se refere à ideologia e à comunicação do ponto de vista de sua estrutura, sua gênese e sua função” (1972, p. 55).*

Embora o termo ideologia assuma significados variados, ele tem sido empregado pela maioria dos autores como uma visão ingênua de determinada situação, intencionalmente provocada, a fim de que, sob a crença de que os direitos das camadas menos favorecidas da população estejam sendo garantidos, na verdade, sejam camuflados os reais interesses dos grupos dominantes.

Acredita-se que a ideologia tem como tarefa essencial ocultar as diferenças de classe, de modo a criar condições favoráveis para a manutenção dos interesses da classe dominante.

Ideologia significa, assim, um sistema de idéias ilusórias e não propriamente mentirosas. Se refletirmos um pouco a respeito das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação no mundo inteiro, da fala dos poderosos, dos livros didáticos etc., percebemos que, por detrás do que aparentemente é dito, não raro se pode identificar um discurso de interesse exclusivo de um determinado grupo.

Quando se diz, por exemplo, que “todos são iguais perante a lei”, não se está fazendo uma afirmação que negue o texto legal. No entanto, se analisarmos as condições concretas de vida das classes menos favorecidas, constataremos facilmente que a lei não lhes tem garantido essa decantada igualdade, por exemplo, a nossa história // escravocrata não fez do negro um diferente, mas desigual, dominado pelo branco e excluído da sociedade por ser negro. Nós chamamos essa desigualdade de “racismo”. No Brasil, a cultura dominante tenta ignorar, tenta negar essa desigualdade. Por isso, sempre que se diz que aqui não há racismo, que aqui existe democracia racial, tolerância. Mas é o negro quem tem menos escolaridade, recebe salário menor, encontra menos oportunidades de emprego e não consegue ocupar espaços importantes na sociedade.

## 1.2 VISÃO MARXISTA DE IDEOLOGIA

Karl Marx e Friedrich Engels deram ao termo ideologia um novo significado. É sobretudo uma concepção de mundo que se volta para o tratamento de questões ligadas às áreas social, econômica e política.

Segundo Marx, ideologia é o conjunto das idéias políticas, religiosas, econômicas, jurídicas, estéticas, filosóficas e do senso comum que se desenvolve a partir dos interesses (nem sempre tornados conscientes) da classe economicamente dominante. Seu objetivo é, justamente, defender tais interesses. //

Na obra *Ideologia Alemã*, Marx afirma que *“a produção de idéias, de concepções e da consciência liga-se, a princípio, diretamente e intimamente à atividade material e ao comércio material dos homens, como uma linguagem da vida real... Os homens é que são os produtores de seus conceitos, de suas idéias, etc., mas os homens reais ativos, condicionados por uma evolução definida de suas forças produtivas e pelas relações correspondentes a elas, inclusive as formas mais amplas que estas possam tomar. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente e o ser dos homens é seu processo de vida real”* (Marx e Engels, 1985, p. 21). Marx indica aqui que devemos considerar a historicidade de nossa consciência e das idéias, mostrando que as produções da consciência estão veiculadas, mesmo que indiretamente, a produção material. Lembramos que essa proposição básica era uma resposta ao Idealismo alemão, principalmente a Hegel, que via o pensar conceitual como a verdadeira essência do ser humano, ou seja, o mundo conceitual era a única realidade.

*destacar a citação.*

Além disso, na *Ideologia Alemã*, Marx descreve a consolidação da ideologia dominante e como ela torna-se a força espiritual dominante de uma época. Para tornar-se essa força, esse conjunto de idéias cria mecanismos de convencimento e inversão da realidade, e através desses mecanismos cria uma consciência que não corresponde a realidade histórica. //

Na obra *“Prefácio à Contribuição à crítica da economia política”*, Marx nos revela que *“a totalidade ... (das) relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, à*

*qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual” (Marx, 1980, p. 136).* Este trecho nos mostra que as formas de consciência e, conseqüentemente, as ideologias, são veículos epistemológicos importantes para que // ?  
conheçamos a realidade histórica. Por isso, acreditamos que não podemos simplesmente afirmar que a ideologia é falsa consciência, porque a ideologia é um conjunto de representações e idéias, bem como de normas de conduta através das quais o homem pensa, age e sente.

A Europa do século XIX passava por uma profunda crise social. Essa crise se devia ao alto índice de miséria da classe trabalhadora, que era submetida às mais degradantes condições de vida. Marx entendia que a causa do sofrimento da classe trabalhadora era a ganância dos capitalistas, que não hesitavam em explorar o trabalho // dos outros. Essa situação era muito cômoda, pois assim poderiam continuar tirando vantagens. A ideologia constituía-se num instrumento muito eficiente para este fim. Segundo ele, a ordem econômica de uma sociedade determina o conjunto dos produtos da sua consciência social.

A ordem econômica está nas mãos dos mais ricos. A conseqüência natural deste fato é que os produtos da consciência social resultem dos interesses daqueles que dominam economicamente, voltando-se para defende-los. É assim que a ideologia é produzida: é mentira com ares de verdade, é defesa de interesses particulares com ares de interesses públicos.

O homem é um ser gregário, isto é, tem necessidade do convívio com outros homens para sobreviver e desenvolver suas potencialidades, quer do ponto de vista biológico, quer do ponto de vista psicológico ou espiritual. Além disso, ele é um ser que // pensa e que se comunica por meio de uma linguagem simbólica, de natureza racional.

O ato de pensar está associado ao ato de problematizar a realidade. O homem não se contenta em simplesmente transitar por entre as coisas do mundo como fazem os animais. O uso da linguagem permite aos homens a troca de informações. Isso possibilita o aprimoramento das interpretações dos fenômenos. Em suma, o homem não pensa sozinho: há uma interação entre as maneiras pessoais de pensar. Contudo,

devemos considerar que o homem é um ser que age, isto é, interfere e pode transformar a realidade que o cerca em benefício próprio ou não.

O homem distingue-se dos outros animais pelo trabalho, pois ele é o único ser que põe ~~X~~ intencionalidade naquilo que realiza. É por meio do trabalho que o homem // pode e deve realizar-se. A história da humanidade mostra, porém, uma outra realidade. O trabalho é normalmente realizado como meio de exploração e não de humanização do homem. As condições de trabalho são tão negativas que o homem acaba, quando muito, trabalhando para sua simples subsistência, em níveis degradantes.

No sistema capitalista, por exemplo, o operário das fábricas vê-se explorado de todas as formas, especialmente quanto à remuneração. Todo assalariado ganha menos do que merece, menos do que vale seu trabalho. É nessa diferença que está o lucro. Se o capitalista pagasse honestamente ao operário o valor da coisa produzida, a relação terminaria empatada. Não haveria lucro e não haveria Capitalismo. À diferença entre o preço de custo da força de trabalho (salário) e o valor de mercadoria produzida, dá-se o nome de mais-valia. Quanto mais baixo o salário e mais alto o valor da mercadoria, maior a mais-valia, maior o lucro. Esta contribui para a acumulação da riqueza por parte do capitalista.

Assim, a alienação acontece quando o trabalho torna-se externo e estranho ao operário. Ele não se sente senhor de si, já que trabalha forçadamente. O capital não está a serviço do homem, mas o homem a serviço do capital. Segundo Marx, a solução para as injustiças que resultam da estrutura social alienante não está na ciência, na religião, nos falanstérios ou nas cooperativas, como sugerem os socialistas utópicos, mas na revolução que alteraria suas bases econômicas.

A grande concentração operária nas cidades desenvolveu a consciência de classe do trabalhador. Eles começaram a perceber que, embora fracos como indivíduos, adquiriram força quando unidos. Apesar de toda pressão que desaba do poder da burguesia, os sindicatos sobrevivem.

✓ *parágrafo muito destacado*

É o sistema econômico que determina como as pessoas vivem (as pessoas e os regimes políticos). A base de uma sociedade é a sua estrutura econômica. Sobre ela é

que assentam as forças políticas, jurídicas, morais, etc... gerando o que se costuma chamar de consciência social. Uma sociedade qualquer é composta fundamentalmente de dois elementos: a infra-estrutura e a superestrutura. A infra-estrutura é o conjunto dos elementos de ordem econômica de uma sociedade; especialmente as forças produtivas e as relações de produção, isto é, o meio em que o homem produz, as técnicas de que dispõe para produzir e o modo efetivo como são por ele produzidos e distribuídos os frutos do trabalho.

A superestrutura é a totalidade das manifestações da consciência social: são suas componentes as idéias políticas, morais, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas, o senso comum (ideologias) e as instituições que dela derivam (Estado, Igreja, Justiça, Escola etc). Entre dois níveis de estrutura social há uma relação de dependência. Aquilo // que acontece na infra-estrutura repercute na superestrutura e esta, por sua vez, intervém na esfera da qual depende. A vida econômica de uma sociedade determina sua consciência e vida social e a consciência volta-se para garantir a manutenção da ordem econômica. A infra-estrutura determina a superestrutura e a superestrutura justifica a infra-estrutura. Assim, o modo de produção é o conjunto dos elementos de ordem econômica e suas relações com a consciência e vida sociais.

A história da humanidade passa por vários modos de produção, até chegar ao modo de produção final, o comunismo científico. Começa com o comunismo primitivo, próprio das sociedades que ainda não possuíam classes sociais; a seguir, com o surgimento das classes sociais vem o modelo escravista, em que o escravo é tratado como propriedade e instrumento de trabalho por parte de seu senhor; o escravismo é superado pelo feudalismo ou servilismo. Neste modo de produção, o camponês podia dispor de seus pequenos recursos agrários, mas não era o proprietário. Os donos das terras acabavam por ficar com a parte substancial dos frutos de seu trabalho. A crise do feudalismo, associada ao progresso das técnicas e ao crescimento das cidades, no final da época medieval, tornou possível o surgimento do Capitalismo.

Portanto, a história de toda sociedade que existiu até hoje é a história das lutas de // classe. A ideologia dominante (no mundo ocidental) protege o mais que pode a palavra capitalismo. Prefere sempre substituí-la por uma expressão mais sedutora: Democracia!.



Só que Capitalismo não “fecha” com Democracia. Capitalismo é um sistema econômico baseado na desigualdade (precisa da desigualdade); Democracia é um regime político baseado na igualdade.

*Não obrigatório -  
mentre (uifelig -  
mentre...)*

Talvez não exista conceito mais complexo, no campo das ciências sociais, do que o de ideologia. Embora o nome como tal “ideologia”, somente tenha aparecido há pouco mais de um século, sua realidade já estava presente desde que começou a pensar a vida social, com diferentes nomes, mas querendo designar a mesma realidade. //

O conceito de ideologia já era discutido nas culturas gregas e romanas. Mas foi a partir do século XV e XVI, que estudos mais pertinentes começaram a ser feitos sobre o assunto, apesar de ainda não empregarem o nome. Bacon (in Piest, 1960) desenvolveu um estudo muito próximo ao que hoje se costuma entender por ideologia, através de sua teoria sobre as quatro classes de ídolos, que nos dificultam chegar mais próximos da verdade. Esses ídolos são os da caverna: nossas idiossincrasias, caráter; da tribo: superstições, paixões; da praça: as inter-relações humanas, principalmente através da linguagem; e os ídolos do teatro: a transmissão das tradições e doutrinas dogmáticas e autoritárias, através do teatro, que seriam, hoje, os meios de comunicação social.

A crescente importância da ideologia deve-se hoje, certamente, ao fato de nossa sociedade e nosso mundo tornarem-se, a cada dia, mais “imateriais”, sempre mais sustentados numa comunicação verbal e simbólica. Existem hoje inúmeros enfoques teóricos, que dão ao conceito de ideologia diferentes significados e funções. Não é tarefa fácil tratar esse assunto de maneira clara e inteligível.

Para melhor esclarecer e compreender os muitos significados de ideologia, tentarei mostrar a dimensão positiva e a dimensão negativa dessa categoria tão discutida por muitos teóricos.

Ideologia no sentido positivo, ou neutro, é entendida como uma cosmovisão, isto é, um conjunto de valores, idéias, ideais, filosofias de uma pessoa ou grupo. Nesse sentido, todas as pessoas, ou grupos sociais, possuem sua ideologia, pois é impossível alguém não ter suas idéias, ideais ou valores próprios.

Já ideologia no sentido negativo, ou crítico seria constituída pelas idéias distorcidas, enganadoras, mistificadoras; seriam as meias-mentiras, algo que ajuda a obscurecer a realidade e a enganar as pessoas. Ela se apresenta como algo abstrato ou impraticável; como algo ilusório ou errôneo, expressando interesses dominantes e como que sustentando relações de dominação.

Numa concepção positiva ou neutra poderiam ser colocados autores como o próprio criador do termo, Destutt De Tracy (1803): ideologia é o estudo das idéias, que por sua vez são uma emanção do cérebro; de Lênin (1969), e Lukács (1971), como as idéias de um grupo revolucionário; e a formulação geral da concepção total de Mannheim (1954), que afirma que tudo o que nós pensamos é ideológico, pois é impossível não se deixar contaminar pela situação social em que alguém nasce e vive. Ele identifica aqui ideologia como conhecimento: como todo conhecimento é condicionado, assim toda ideologia é condicionada.

Entre as concepções crítico-negativas poderiam ser colocadas as três concepções de Marx (cf. Thompson, 1995): idéias puras como autônomas e eficazes, conforme defendiam os hegelianos, sem ligação com a realidade (1989); as idéias da classe dominante (1989); e um sistema de representações de dominação (1968). Também estaria aqui a concepção restrita de ideologia de Mannheim (1954), isto é, as idéias dominantes de um grupo sobre o outro (dominação de classe).

Na tentativa de compreensão das diversas acepções de ideologia distinguiremos outros dois grandes conceitos de ideologias: ideologias como sendo algo materializado, onde a ideologia está corporificada na própria idéia, na forma simbólica, ou mesmo concretizada numa instituição, como a escola ou a família; e ideologia como modo e estratégia, onde a ideologia é vista como uma prática, uma maneira como as formas simbólicas servem para criar e manter as relações sociais entre pessoas.

Essa dimensão material, concreta, é exemplificada pela concepção descrita por Marx (1989), onde ideologia é definida como sendo “as idéias da classe dominante”. Isto é, as idéias da classe dominante, pelo simples fato de serem da classe dominante, já seriam ideologia. Althusser (1972), mostra que a ideologia se materializa nos

“Aparelhos Ideológicos de Estado”. Esses aparelhos são as instituições que são criadas no desenrolar da história, e que são frutos de tensões que se dão nas relações entre os homens, como por exemplo a escola, a família, as igrejas, os meios de comunicação social, as entidades assistenciais, etc.

Segundo Althusser, o Estado é composto por Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e Aparelhos Repressivos de Estado (ARE). Diferentemente de Gramsci, que // *? Alth. Sella  
coisa e co-  
nência!* concebe o Estado como a soma da sociedade civil e da sociedade política. A ideologia tem a função de dominar, ela é uma relação imaginária. Em geral, a ideologia tem uma relação de domínio. Os AIE são importantes em qualquer formação social, sendo que mais importantes são a escola e a família. Na época do feudalismo era a igreja e a família e atualmente os mais importantes são a escola e os meios de comunicação de massa.

Gramsci combateu fortemente o marxismo economicista, mostrando que o econômico não era o determinante absoluto de uma formação social. Sua concepção do conceito de ideologia é plural, pois menciona a existência de ideologias e as define como sendo concepções de mundo. Criou muitos outros conceitos como o de bloco histórico que é a soma da estrutura e superestrutura. De acordo com Gramsci, na sociedade civil estão presentes elementos pertencentes a relações entre estrutura e superestrutura, nela estão instituições importantes para a organização da sociedade como um todo.

O nível político tem suas leis próprias, diferentes do econômico e é através da análise desse nível que Gramsci concebe a ideologia. O senso comum é visto como sendo acúmulo de vários conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e que estão extraídos de várias ideologias que permeiam o cenário social popular. A dominação e a subordinação ideológicas não compreendidas isoladamente, mas sempre como aspecto das relações das classes e das frações das classes em todos os níveis: econômico, político, ideológico e cultural. *? O que você quis  
dizer?  
Isk e outros  
participa confuso...*

Segundo a visão de Gramsci, todos nós temos uma concepção de mundo, fazemos parte de um grupo que pensa e age da mesma maneira. E, quando a nossa concepção de mundo não é crítica e coerente, acabamos nos tornando a síntese de todos

os valores que herdamos. Ele acreditava que uma ideologia pode contribuir para a consolidação ou transformação de uma estrutura e ela não pode ser encarada simplesmente como “falsa consciência”.

Gramsci afirma que as ideologias não são julgadas segundo o critério de verdade ou falsidade mas conforme a sua função de eficiência em reunir classes ou frações de classes em posições de domínio ou subordinação. Na verdade, para Gramsci, a ideologia tem um papel gnoseológico, ou seja, de conhecimento, e tudo depende do contexto // histórico e de qual posição de classes os valores, normas e idéias estão sendo construídas.

O conceito de ideologia em Gramsci é plural (ideologias) e as define como sendo concepções de vida. Criou vários conceitos importantes como: *bloco histórico*, que expressa a soma da estrutura e da superestrutura; *sociedade civil*, ou seja, uma sociedade onde estão presentes elementos tanto da estrutura quanto da superestrutura; *política*, elemento importante e pertencente à estrutura e à superestrutura, possui suas leis próprias, diferentes do econômico e é através da análise desse nível que Gramsci concebe a ideologia; *senso comum*, que é o acúmulo de conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e extraídos de várias ideologias que permeiam o cenário social popular; *intelectual*, que organiza, dissemina e conserva habilidades e idéias que estão associadas ao trabalho mental do que ao trabalho manual; Gramsci mostra a diferença entre intelectuais orgânicos e tradicionais; e *hegemonia* uma categoria que inclui o ideológico referindo-se à relação dialética de forças de classe, possibilitando a análise das relações existentes no interior das classes e entre elas. A dominação e subordinação ideológicas não são compreendidas isoladamente, mas como um aspecto das relações das classes e das frações de classes em todos os níveis: econômico, político, ideológico e cultural.

repetitivo!  
Ver páginas  
? anteriores.

Quanto a Althusser, a ideologia é uma relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Relação consciente ou inconsciente. É uma produção da vida real determinando o social. As relações ideológicas ocultam as relações reais, mas a ideologia não é uma ilusão. Ela é uma forma de representação do mundo, é uma relação imaginária (no sentido de superficialidade) que não permite conhecer as verdades profundas da realidade social.

Para Althusser, o papel fundamental das ideologias é servir <sup>à</sup> para reprodução das / relações de produção, mostrando que as diferentes instâncias sociais tais como: a escola, partidos, aparato jurídico etc., passam a ideologia dominante. Em seu livro “Aparelhos Ideológicos de Estado”, Althusser busca os fundamentos epistemológicos da obra de Marx. Luta contra uma interpretação mecanicista e a visão essencialista de Hegel. Ele propõe uma nova visão do “todo social” ou de formação social, cunhando a metáfora do edifício, comparando a sociedade a um edifício com seus pilares e diferentes andares. Os pilares compõem a infraestrutura e os andares superiores à superestrutura. Preocupou-se em mostrar como funcionava a superestrutura. Destaca a questão dos mecanismos de produção que estão na superestrutura, e como os aparelhos ideológicos (escola, igreja, Estado, etc.) agem na sociedade. Para Althusser, a reprodução se dá tanto na infraestrutura como na superestrutura.

Althusser mostra a estrutura e a função da ideologia vista por ele sempre pela ótica dominante, explicando que <sup>o</sup> todas as práticas humanas são permeadas de // ideologias. A preocupação <sup>de</sup> de Althusser são a racionalidade e a cientificidade do // marxismo. Suas categorias de análise são: teleologia, processo, práxis, causalidade e relação conceito e realidade.

Para Althusser, ideologia é diferente de ciência e ambos estão dentro de uma formação social. São produções de uma instância social. A ideologia tem o papel epistemológico (de conhecimento) <sup>x</sup> de fazer com que o homem trave uma relação imaginária com a realidade e faz parte do tecido social. Para ele o materialismo histórico dialético é ciência da história. Diferentemente de Gramsci, <sup>y</sup> que tem o seu // pensamento mais voltado para os movimentos culturais e sociais.

Althusser distingue entre ser determinante e ser dominante. E para ele, sempre a economia é determinante. A superestrutura não é um reflexo de base econômica (infra-estrutura), <sup>e</sup> a superestrutura é <sup>sim</sup> necessária para a conservação da infra-estrutura. <sup>coisa!</sup> A formação social é um todo complexo estruturado. Ao olhar um todo social é necessário distinguir entre o que é determinante e o que é dominante. A economia (determinante) está vinculada ao dominante (política), nunca está só, tem uma relativa autonomia.

A ~~F~~Formação social tem uma complexidade hierárquica. A ideologia é um nível da instância social. É material (existe na sociedade) ela é uma estrutura essencial à vida da sociedade, é uma prática social. É importante porque precisa reconhecê-la na sociedade como ela é, assim, transforma a realidade social. As relações ideológicas ocultam as relações reais, mas a ideologia não é uma ilusão. Ela é uma forma de representação do mundo, é uma relação imaginária (no sentido de superficialidade) que não permite conhecer as verdades profundas da realidade social. Os problemas propostos pela ideologia são falsos. A ciência coloca problemas autênticos. Ao contrário das ciências, as ideologias são teoricamente fechadas e flexíveis em termos políticos.

*quem? o quê?  
falta contexto,  
novamente!*

*repetitivo!*

Althusser questiona o empirismo e o idealismo, dizendo que a ideologia é a pré-história da ciência (ciência que é história) e que somente a ciência produz verdade. Para ele, o marxismo não é uma ideologia orgânica como Gramsci pensava.

Para Althusser a educação escolar, como qualquer outra forma de educação, é política, pois determina um compromisso ideológico, quase sempre servindo à reprodução da ordem social. Quando estudamos representações sociais, Sandra Jovchelovith faz um embate com Althusser, pois para ela ideologia jamais será reprodução da realidade, e ~~que~~ a escola não reproduz pura e simplesmente a realidade. Sua tarefa é elaborar a permanente tensão entre um mundo que já se encontra constituído e seus próprios esforços para ser um sujeito.

Percebemos que em cada época existe uma espécie de “estrutura do pensamento”, comandada pelas evoluções sócio-econômicas, que organizam construções intelectuais, pensamentos filosóficos e concepções educacionais.

*selto no  
"espaço"...*

A partir dos estudos de Thompson (1995), uma nova aproximação ao estudo da ideologia começou a ser desenvolvido, começa-se a deixar de lado a preocupação com a verdade ou falsidade de um conceito (p. ex. o entendimento da ideologia como as idéias da classe dominante); ou a preocupação com a constituição específica de uma instituição que seja ideológica (p. ex. os “aparelhos ideológicos de estado” de Althusser); ou a preocupação com a concepção de uma ideologia reificada (p. ex., ideologia como um “ismo”, por exemplo, socialismo, comunismo). Ideologia assume a dimensão de uma prática, de um modo de operação, de uma estratégia de ação.

A concepção e o emprego da ideologia dentro dessa perspectiva evita a difícil e ingente tarefa de se verificar, em cada caso, a validade ou falsidade dos conceitos já estabelecidos //

Essa concepção já pode ser visualizada em Marx, não de maneira clara, mas implícita, quando ele emprega ideologia como sendo um sistema de representações que servem para sustentar relações existentes de dominação através da orientação das pessoas para o passado, ou para imagens ou idéias que desviam da busca de mudança social. Essa teria sido a legitimação do golpe de estado de Luis Napoleão Bonaparte (Marx, 1968). É uma concepção bem distinta da que é apresentada na Ideologia Alemã (1989), onde a ideologia é tomada como sendo as “idéias da classe dominante”.

Essa nova concepção de ideologia afasta nossa atenção de idéias abstratas de doutrinas filosóficas e teóricas, concentrando, em vez disso, nossa atenção nas maneiras como as formas simbólicas são usadas e transformadas em contextos sociais específicos. É uma concepção que nos obriga a examinar as maneiras como as relações sociais são criadas e sustentadas por formas simbólicas que circulam na vida social, aprisionado as pessoas e orientando-as para certas direções.

De acordo com esse enfoque, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (Thompson, 1995, p. 76). Assim, um fenômeno ideológico só é ideológico se ele serve, em circunstâncias específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação. Isso quer dizer que os fenômenos não são ideológicos em si mesmos; não se pode retirar o caráter ideológico dos próprios fenômenos como tais, mas somente quando os situamos em contextos sócio-históricos onde eles passam a estabelecer e sustentar relações de dominação. E a questão de se dizer se essas relações estabelecem ou sustentam relações de dominação só pode ser respondida quando se examina a interação entre sentido e poder em circunstâncias particulares.

O estudo da categoria ideologia nos mostra que o conceito **ideologia** é complexo e multifacetado, tomando acepções bem diversas. Pode ser tomado no sentido negativo, isto é, como o uso de formas simbólicas para criar ou manter relações de dominação,

como por exemplo: ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por pessoas e reconhecidos por elas como contendo um significado, ou no sentido positivo, como uma concepção de mundo criado no seio das relações sociais que nos faz conhecer a realidade.

As formas simbólicas possuem diversas características. Elas têm um caráter intencional, convencional, estrutural, referencial e contextual. O caráter contextual significa que elas estão sempre inseridas num contexto sociocultural específico. São produzidas por sujeitos historicamente situados, que possuem recursos e capacidades // específicas. Ao mesmo tempo, elas são recebidas por sujeitos que estão inseridos em contextos sócio-históricos particulares. Esses fatos fazem com que as formas simbólicas carreguem consigo diferentes particularidades a partir desses sujeitos. São essas especificidades que Bourdieu (1977) discute ao analisar os diferentes campos de interação. E a esses recursos e capacidades Bourdieu chama de “capital”; e um desses tipos é o capital simbólico.

No entanto, para entendermos melhor a categoria ideologia é importante e estratégico distinguir dois conceitos: o conceito de poder e o conceito de dominação. Essa distinção não é ainda muito comum nas ciências sociais.

Poder é definido aqui como sendo uma capacidade de produzir algo, capacidade essa específica de cada prática (Guareschi, 1992). Todo tipo de prática envolve, assim, // certa quantidade de poder. Além disso, toda pessoa situada dentro de um contexto socialmente estruturado tem, em virtude de sua localização, diferentes quantidades e diferentes graus de acesso a recursos disponíveis. Isso significa que tal localização e as qualificações associadas a essas posições, nas instituições e na sociedade, fornecem a esses indivíduos diferentes graus de “poder”.

Já a dominação é uma relação, e se dá quando determinada pessoa expropria poder (capacidade) de outro, ou quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimetrias, fazendo com que determinados grupos, não possam // participar de determinados benefícios, sendo assim injustamente deles privados, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito.



As ações humanas, sejam no âmbito da educação ou de qualquer outra natureza, estão sempre impregnadas de crenças e valores que as orientam para determinadas finalidades. Conscientemente, quem vive possui uma filosofia de vida, uma concepção de mundo. Assim também o é com relação a uma proposta de educação que tem por trás de si uma determinada visão de mundo, de homem e de conhecimento.

Contudo, nem sempre estes valores e finalidades subjacentes às nossas ações se apresentam de maneira consciente para nós. Isto também acontece, com a maioria dos professores que, inspirados por uma filosofia educacional que dá sentido à sua atividade docente, muitas vezes, não reconhecem suas próprias diretrizes e tendem a exercer o magistério com um baixo nível de consciência.

Por outro lado, é possível ao educador não permanecer apenas no senso comum. Para isso, é fundamental que se torne claro para si mesmo quem é o homem que deseja educar, que papel lhe está reservado no mundo, como se apresenta de fato a sociedade, o que ela pretende e apresenta, que finalidades devem ter suas ações pedagógicas em sala de aula, se propondo, assim, a exercitar continuamente uma reflexão filosófica a respeito da sua prática escolar.

A prática escolar docente tem apresentado tendências que, embora distintas, nem sempre se mostram mutuamente excludentes. Isto significa que, apesar de ser possível identificar linhas de ação pedagógica mais marcantes em determinados períodos da educação brasileira, estas linhas sempre se entrecruzam e podemos perceber suas marcas no fazer do professor em sala de aula.

Na concepção de alguns teóricos como Bourdieu, Passeron e Althusser a educação é percebida como mecanismo para reprodução da sociedade. Neste caso, ela se fundamenta numa atitude de criticidade diante das injustiças sociais provocadas pelas relações de trabalho. A sociedade é concebida não como um todo harmônico ao qual devem ser ajustados os indivíduos, mas sim como o palco de lutas entre classes antagônicas e onde a educação contribui para a marginalização da maioria das pessoas.

O processo de marginalização desempenhado pela escola reprodutora se dá por meio de diversos mecanismos de exclusão cultural impostos a grupos socialmente

discriminados. Estes mecanismos são evidenciados, por exemplo, nos altos índices de evasão e repetência observados no sistema educacional brasileiro. A escola, por não garantir o acesso ao saber sistematizado a todos, faz com que as oportunidades sejam desiguais e as pessoas não tenham as mesmas chances para o exercício da sua cidadania.

A educação de modo geral, e a escola, em particular, têm feito, <sup>forneido</sup> ~~é fornecer~~ ao // homem uma visão fragmentada de mundo e dele mesmo. Esta fragmentação do conhecimento não lhe permite agir conscientemente para a transformação da realidade, uma vez que a consciência a respeito de alguma coisa só é atingida quando percebemos a sua totalidade.

Embora, também criticando o papel ideológico da educação, Gramsci lançou o // conceito de contra-ideologia. Para este autor, a escola pode superar o seu papel de // instrumento de reprodução do sistema, desde que uma teoria educacional critique, revele e denuncie a condição interna que se encontra oculta nas práticas escolares.

Assim, fica ressaltada a importância da teorização na discussão dos processos educacionais, ou seja, fica evidente que é condição indispensável contar com uma fundamentação teórica para que se proceda a uma reflexão sobre a educação.

Desse modo, uma teorização acerca da proposta de uma educação para totalidade só tem condições de, ao mesmo tempo, emergir e servir como pano de fundo para a reflexão dos educadores, na medida em que eles consigam ultrapassar a visão ingênua do processo educacional, a visão impregnada de conceitos a eles imposta ideologicamente, passando de uma consciência ingênua a uma consciência crítica em educação. (SAVIANI ?) ?

O homem participa de vários grupos sociais e, sendo assim, sua concepção de mundo é determinada por relações sociais vivenciadas com maior ou menor grau de criticidade, levando-o a assumir dimensões que Gramsci (1986) chama de “homem-massa” e homem participante, consciente e crítico.

O “homem-massa” percebe o mundo de maneira fragmentada e alienada, uma vez que incorpora verdades parciais dos grupos dominantes como se elas retratassem o real, assumindo os padrões de comportamento e as normas destes grupos.

O processo de superação da consciência ingênua e elevação a uma consciência crítica implica na compreensão de cada um do seu papel como um ser histórico-social. // É indispensável que cada educador, uma vez alcançado um nível de consciência crítica, reúna condições de fomentar junto aos seus alunos o que, no dizer de Paulo Freire, chamamos de decifração do mundo.

*“O papel da conscientização (...) é essa decifração do mundo, dificultada pela ideologia, é esse “ir além das aparências”, atrás das máscaras e das ilusões, pagando o preço da crítica, da luta, da busca, da transgressão, da desobediência, enfim, da libertação. Isso significa que, hoje, um dos maiores obstáculos à conscientização é a própria educação, o próprio sistema escolar, funcionando como aparelho ideológico de ocultação da consciência. (Gadotti, 1985, p. 35)*

No entanto, os procedimentos que vêm sendo adotados pela maioria das escolas, em todos os níveis, parecem-nos incompatíveis com a pretensão de fomentar a autoconscientização dos alunos. Transmissão acrítica de informações parceladas e fragmentadas ou então de críticas já feitas pelo professor, utilização de metodologias passivas, adoção de lideranças dogmáticas e avaliação autoritária, entre outras coisas, levam o professor ao desempenho de sua ação de maneira tal que não se coaduna com uma proposta educacional que possa atender ao momento que o mundo atravessa.

Portanto, é necessário um repensar da educação, não apenas nos seus pressupostos filosóficos, o que é naturalmente essencial, mas também naquilo que se constitui o fazer pedagógico, o dia-a-dia na sala de aula. Professores que continuam acreditando que o papel que têm a desempenhar se resume em difundir uma fatia do seu campo de conhecimento, de forma inquestionável e repetitiva, estão descompassados com o mundo e praticamente nada têm a oferecer como contribuição ao processo de preparação da humanidade para enfrentar os desafios do novo século, na construção de uma nova ordem social que se faz necessária.

## CAPÍTULO II

### CONCEPÇÃO ATUAL DE IDEOLOGIA

Os ecos do pensamento marxista fazem-se notar claramente quando se discute o papel da ideologia na atualidade, quer seja do ponto de vista das Ciências Humanas e Sociais, quer seja do ponto de vista da Filosofia.

O mérito de Marx foi de ter mostrado que não há somente inocência ou boa fé nas idéias que se disseminam por ai. Por trás das idéias, ocultam-se interesses, geralmente de grupos poderosos.

Nas muitas análises que se fazem da ideologia, há um reflexo da visão marxista da questão. Atualmente, por ideologia entende-se: //

- ✓ O conjunto das idéias que indica o modo da representação social. Estas idéias são, na verdade, o modo como uma parte da sociedade concebe o todo social, a partir de sua condição social. Isto significa que alguns poucos concebem a organização social de uma determinada forma e lhes interessa que todos pensem assim.
- ✓ O conjunto das idéias que, baseadas numa determinada concepção de justiça, avaliza um determinado status quo. Apelando para uma determinada ordem racional, tal idéia de justiça acaba avalizando a organização e o modo de funcionamento de uma sociedade, que será considerado “justo”. Assim, é justo que aqueles que não têm uma formação acadêmica ganhem um salário miserável.
- ✓ O conjunto das idéias que justifica as relações entre as pessoas, reguladas pelo Direito. As ideologias funcionam como indicadoras dos direitos e deveres dos cidadãos, apontam os limites da soberania do Estado, ordenam as relações de trabalho e de propriedade entre os agentes

econômicos. Isto ~~é~~ pode levar à conclusão simplória de //  
que aquilo que é legal é sempre justo.

- ✓ O conjunto das idéias que indica a maneira como os indivíduos devem perceber a realidade externa a partir de sua interioridade. A ideologia também visa a atingir a forma como cada membro da sociedade deve interpretar os fatos em geral, inclusive os mais corriqueiros. Ela tocará, portanto, também suas emoções, sua afetividade, sua forma particular de pensar. Sugere quando se deve sentir alegria ou tristeza, vergonha ou orgulho.

## 2.1 NÍVEIS IDEOLÓGICOS

Ao considerarmos o modo efetivo como as ideologias se fazem presentes na sociedade, podemos falar de dois tipos de níveis ideológicos: a ideologia geral e a ideologia particular.

- ✓ A ideologia geral é que visa a atingir todos os membros da sociedade. Por exemplo, quando o presidente faz um pronunciamento à nação, ele quer convencer a todos. //
- ✓ A ideologia particular é a que se desenvolve em deter- //  
minados grupos da sociedade. Por exemplo, as idéias próprias de um sindicato, de um partido político, de uma classe ou de uma minoria.

Esses níveis ideológicos acabam influenciando o modo pessoal de pensar, dando origem àquilo que podemos chamar de “filosofia da vida”.

Portanto, a ideologia tende a ocultar a origem de muitas idéias e a esconder a verdadeira natureza da realidade, em defesa dos interesses dos mais poderosos. No

entanto, o homem não pode viver sem ideologia, isto é, sem ela a sociedade se desorganiza e os seus membros ficam desorientados quanto ao seu pensar e agir. A ideologia é necessária enquanto funciona como uma espécie de argamassa social, ela dá certa unidade de pensamento e ação.

### CAPÍTULO III

#### O UNIVERSO ESCOLAR DOMINANTE

A expansão dos sistemas formais de ensino foi levada a cabo no bojo de um processo de afirmação da ciência “*objetiva*” enquanto sustentáculo ideológico de uma parcela da sociedade do século XIX, identificada como ideais burgueses, que conduziria, supostamente, a humanidade a um contínuo progresso material e espiritual. A educação formou-se e firmou-se no ocidente, portanto no interior de um imaginário que enxergava na ciência de bases letrada, lógica, racional e linear a via para a felicidade universal. Caberia, assim aos homens “*sensatos*” e “*inteligentes*” assimilar o conhecimento produzido pela humanidade, ao longo dos séculos, liberando-se da ignorância e ascendendo a um universo mais “*iluminado*”.

Segundo esse ideário, o objetivo do ensino seria prover os alunos, de forma sistematizada e a mais objetiva possível, do saber acumulado pela humanidade. Nesse contexto, o instrumento mais apropriado para tal tarefa seria o próprio homem que, na condição de mestre, poderia realizar essa transmissão de conhecimentos, de maneira adequada e equalizada. O ensino, portanto, centrar-se-ia na figura do professor, cabendo aos alunos a função de assimilar os conhecimentos por ele sistematizados e transmitidos. A psicologia behaviorista forneceu a base “psicológica” para essa prática educativa.

Já em fins do século XIX, num contexto histórico em que o progresso e a felicidade da humanidade já não pareciam mais ser certezas e que a premissa do homem racional começava a ser colocada em xeque, essa educação, que posteriormente passou a ser chamada de “*tradicional*”, começou a ser questionada, num processo que se intensificou na primeira metade do século XX.

Impulsionado por esse novo contexto histórico-mundial e também pelo desenvolvimento e transformação da psicologia e da própria epistemologia do conhecimento, surgiu um movimento de contestação dos princípios norteadores e estruturadores da educação tradicional, que ficou conhecido como “*escolanovismo*”, dado que propunha novas orientações pedagógicas que levariam à construção de uma

“*escola nova*”. Questionou-se a idéia de uma educação voltada exclusivamente para a transmissão de conhecimento, sem participação ativa dos alunos. Propôs-se que os alunos fossem o centro básico da educação e que as preocupações fossem voltadas para o processo de aprendizagem. Surgiram propostas de uma educação menos rígida, mais espontânea, mais voltada aos interesses dos alunos. O professor adquiriu uma função completamente diferente da que tinha segundo a educação tradicional: ele passou a ser o mediador, estimulador e orientador da construção da aprendizagem que seria realizada pelos próprios alunos. Como afirma Saviani “*trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender*”.

Essas idéias cruzavam-se com o desenvolvimento das teorias psicogenéticas <sup>elaboradas</sup> realizadas por Jean Piaget e de outras vertentes que seguiam linhas semelhantes, embora particularizadas, como era o caso do pensamento de Vigotsky. Resgatando alguns autores modernos, esses pesquisadores postulavam a imbricação entre sujeito e objeto no processo de construção do conhecimento, rompendo as erigidas tanto pelos subjetivistas idealistas quanto pelos objetivistas empiristas. Segundo essas teorias, a aprendizagem surgiria como um processo de construção e de reconstrução do conhecimento a partir da relação (imbricada, dinâmica e de reciprocidade) do sujeito com o objetivo (em dimensão micro e macro) e com os demais sujeitos que se encontram envolvidos nesse processo. Daí o fato dessas teorias passarem a ser chamadas de construtivistas.

Todas essas transformações e reformulações no domínio da educação e das teorias da construção do conhecimento se difundiram por todo o mundo ocidental ao longo da primeira metade do século, influenciando, em graus diferenciados, boa parte dos educadores. Apesar do alcance dessa difusão, a concretização dos ideais escolanovistas ou construtivistas acabou ficando limitada a experiências isoladas, a escolas experimentais, geralmente de elite, devido aos altos custos e altos níveis de qualificação profissional que esse tipo de educação implicava, que se chocavam com possibilidades das políticas de universalização da educação aplicadas na maior parte dos países do mundo. Estas acabaram por atuar no sentido de manter uma estrutura geral de ensino baseado nos princípios tradicionais. É preciso ainda acentuar que a manutenção da educação de estilo tradicional era compatível, e até necessária, à formação de mão-



de-obra para o sistema produtivo dominante (estilo fordista), baseado na produção extensiva e no consumo de massa.

Não obstante esses limites, a ação dessas teorias não deve ser minimizada, dado // que a partir de muitos dos pressupostos levantados por ela é que vão surgir uma série de novas propostas de reformulação educacional, muitas delas mesclando elementos da pedagogia tradicional com a escolanovista, com princípios marxistas, dentre outros, a partir de finais da década de 1960, intensificando-se nos últimos vinte anos. Esse é o caso por exemplo, da educação libertária popular de Freire e Freinet ou até mesmo da pedagogia histórico-crítica.

Apesar desses avanços, os anos 70 – momento econômico de crises, incertezas e de transformação nos moldes de produção até então dominantes, no Brasil, de vigência de uma ditadura militar assistiu também a um recrudescimento da pedagogia tradicional, // sob nova roupagem, mais “modernizante”. Recuperando os pressupostos de objetividade e neutralidade científica e “inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torna-lo objetivo e operacional”. O planejamento racional e a descrição minuciosa de métodos passam a ser a via para um ensino o mais objetivo possível, implicando numa burocratização crescente do processo educacional.

autor? ano?  
página?

Os anos 60 e 70 foram também palco da difusão do pensamento estruturalista, cuja versão pedagógica se concretizou nas chamadas teorias crítico-reprodutivistas, através do pensamento de autores como Bourdieu, Passeron, Althusser, Baudelot, dentre outros, que, resumidamente, defendiam que a função da educação consistia na // reprodução capitalista e que a escola não passava de um instrumento de poder na mão da burguesia, atuando como “aparelho ideológico” do Estado.

Após o fracasso da pedagogia tecnicista e o descrédito das teorias crítico-reprodutivistas, nos anos 80 e 90, a educação passou por um período de intensos questionamentos, organizando no despontar de propostas que retomam pontos importantes já acentuados por projetos pedagógicos do passado, sob novos enfoques, que se mesclam antigas premissas com novos elementos que surgem no contexto histórico, sem que esse processo já tenha chegado a conclusões definitivas. Apesar das

coisas!

incertezas e dúvidas, oriundas também de uma crise de paradigmas a qual vive a ciência hoje, alguns pontos parecem se afirmar como novas premissas teóricas (não mais tidas como universais) rumo à construção do conhecimento nesse novo milênio.

A emergência de uma nova visão de mundo e de um novo paradigma para a busca do conhecimento tem que ser considerada como o pressuposto básico para toda e qualquer reflexão e teorização que o homem possa realizar neste momento histórico. Conseqüentemente, assim também ocorre com relação às inquietações no campo da educação onde percebemos, cada vez mais, num momento contrário cada vez mais a fragmentação do homem e do conhecimento. ?

É grande a distância entre teoria e prática na escola. Repete-se no contexto escolar a problemática de uma sociedade contraditória, que diz valorizar a educação, mas não dá o devido valor aos seus docentes. Embora tendo na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) a garantia da gestão democrática do ensino público e a autonomia pedagógica, administrativa e financeira, a escola, em seu cotidiano, continua autoritária e limitada.

A história do currículo educacional brasileiro tem sido importante na tarefa de questionar a presente ordem curricular, em que difunde-se um conhecimento // fragmentado, e exige-se um indivíduo por inteiro. Procura-se fazer com que o aluno memorize ou decore o máximo de teoria possível, e cobra-se dele, no mercado de trabalho, a formação prática necessária a uma boa atuação na empresa. Deixa-se o aluno fora do processo, alienado, e exige-se um cidadão crítico, participativo, inserido no contexto.

① No ensino da leitura, por exemplo, reflete também esta pedagogia da contradição. // Fragmenta-se o texto para que se aprenda a perceber o todo, procura-se fazer com que o aluno responda somente ao que está previsto na leitura do livro didático e exige-se um leitor crítico e participativo.

A função primordial da escola não é a de informar o aluno, mas a de lhe fornecer os instrumentos necessários para que ele consiga a compreensão das informações tão complexas do mundo atual, para ele assumir aos poucos o controle de sua aquisição de saber e de sua formação.

### 3.1 FRAGMENTAÇÃO E ALIENAÇÃO NO CURRÍCULO DA ESCOLA

Vivemos numa sociedade onde o trabalho apresenta-se fragmentado, degradado e apesar de toda circulação de informação, o trabalho é expropriado do conhecimento do processo produtivo em sua totalidade e não sabe de sua importância nesse processo. Cada vez mais aprofunda-se a dicotomia entre o trabalho simples e o trabalho complexo. Esta dicotomia está presente nas instituições de ensino, fortalecendo um currículo fragmentado que apresenta conhecimentos que não se articulam entre si.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a interdisciplinaridade questiona a fragmentação e a linearidade do conhecimento, a transversalidade questiona a alienação e o individualismo no conhecimento. No entanto ambas podem ser postas em prática através do trabalho coletivo.

De acordo com os PCNs, a contribuição da escola é a de desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam // intervir na realidade para transformá-la. Por isso, torna-se fundamental um currículo que fortaleça uma formação ampliada para a formação de um novo aluno e de um novo educador.

Portanto, a leitura pode ser caracterizada como uma atitude de integração de // conhecimentos, contra a fragmentação, pois ela favorece, no plano individual, a articulação de diversos saberes. Entretanto, a fragmentação do saber relaciona-se diretamente com a divisão do trabalho que a escola reproduz sob múltiplas formas, // inclusive na leitura.

Essa divisão as instituições escolares fazem através de diversos mecanismos como a divisão que se reproduz até nas avaliações, que dão a cultura popular como trabalho físico, manual ou artístico.

? a leitura  
é melhor.  
Confuso!

Percebemos também que nas universidades também há essa divisão do currículo das licenciaturas para formação de professores passando pelas ciências humanas e bacharelados, onde eliminam-se <sup>m</sup>matérias humanísticas e pedagógicas, implicando uma //

visão tecnicista, não formativa, do professor e do pesquisador. <sup>?</sup> Separando rigidamente as disciplinas uma das outras, como blocos monolíticos, sem conexão entre si, formando professores extremamente especializados, que não conseguem trabalhar disciplinarmente. ?

// falta essa  
no parágrafo  
- Rua última  
afirmação

Um dos fatores que mais contribui efetivamente para fragmentação do trabalho pedagógico é a organização do tempo na escola. Atribui-se um determinado “tempo ideal” à execução de determinados trabalhos, que é definido por fatores externos à aprendizagem, como as exigências do programa, e que penaliza o aluno que não consegue realizá-los no prazo estipulado, não levando em consideração os diferentes ritmos de aprendizagem.

Nos primeiros ciclos, o professor é quem decide o que fazer e a que hora fazer; nos outros ciclos do ensino fundamental, de 5º a 8º e no ensino médio, o tempo está rigidamente compartimentado e distribuído pelos diferentes matérias, na maioria dos casos em função do exame vestibular e outros fatores externos ao tempo do aluno.

saída abrupta de  
uma reflexão para  
a outra

Entretanto, o domínio da escrita contribui em grande parte para as divisões sociais que são reproduzidas na escola mediante a fragmentação do saber, do tempo e da divisão dos alunos em sujeitos capazes e “desviantes”, segundo o seu domínio ou não das disciplinas consideradas nobres. É necessário criar oportunidades para que todos os alunos sejam introduzidos nas práticas sociais dominantes, que valorizam o livro, a cultura erudita, o saber científico e que se utilizam da escrita para o desenvolvimento pessoal e do grupo ao qual o indivíduo pertence. Uma concepção democrática da leitura como direito de todos poderia estar o aprofundamento das divisões.

// falta essa!

### 3.2 A ESCOLA ALIENANTE

A teoria marxista sobre o trabalho alienado aplica-se perfeitamente à análise do trabalho pedagógico nos moldes como ele vem sendo realizado. Segundo Marx, o trabalho torna-se alienado quando o trabalhador não se reconhece no produto de seu trabalho. Marx tinha em mente os trabalhadores que produzem os bens materiais e nossa preocupação é com o aluno da escola pública brasileira.

//

Para Marx, o desenvolvimento do trabalho criador é a condição necessária para // que o homem seja cada vez mais livre, mais humano, mas dono de si próprio. No // mundo capitalista, os homens geralmente não se realizam como seres humanos em suas atividades, pois geralmente produzem bens que não lhes pertencem e que, depois de prontos, nunca chegarão a lhes pertencer por que serão de outro.

Na escola pública brasileira também, na maioria das vezes é assim, alunos e // professores produzem algo cujo sentido lhes escapa; eles não se reconhecem no produto do seu trabalho. O trabalho do professor é alienante porque ele está sobrecarregado pela burocracia, pelo número de horas de aula que tem que ministrar e que não lhe deixa margem para planejar, trocar idéias com seus colegas ou mesmo estudar. Ele não se reconhece no objeto do seu trabalho, porque vem sendo cada vez mais desprestigiado e // mal remunerado. Além disso, diante do desemprego, da injustiça distribuição de renda, ? da falta de perspectiva de um futuro melhor para os nossos alunos da rede pública, o professor sente que o conteúdo transmitido pela escola pouco vai adiantar para melhorar a vida dos alunos.

Os processos educativos que reproduzem as desigualdades pressupõem um aluno passivo, alienado, sem chance de desenvolver suas próprias relações e construções nas práticas de aprendizagem.

Um verdadeiro processo de educação só pode ser estabelecido através de uma análise das necessidades reais da população. Não pode ser fruto de implantação de ? teorias feitas em outros países.

A escola sempre surge como uma possibilidade de democratização, na medida em que promoveria mobilidade social. Mas, ao contrário, constatamos altas taxas de repetência e evasão escolar, sobretudo nas camadas mais pobres da sociedade. O próprio // funcionamento da escola repete a estrutura hierarquizada, reproduzindo, muitas vezes, as relações autoritárias existentes fora dela. E mais ainda, acentuando a dicotomia entre teoria e práxis, a escola não só desvaloriza o trabalho manual, privilegiando o trabalho, intelectual, [como também torna própria teoria estéril, já que distanciada da prática, *uma coisa!* verbalizada, freqüentemente simples erudição inútil. ]

Analisando como o texto didático veicula certos valores que visam adequar o indivíduo à sociedade, integrando-o na ordem estabelecida. O caráter ideológico também existia nos livros de 2º grau, sobretudo nos de moral e cívica, história e geografia.

?  
ruu.  
Distorcido!

Na grande maioria dos livros didáticos de ensino fundamental, podemos notar que a realidade mostrada à criança é estereotipada, idealizada e, portanto, deformadora. A visão do trabalho, por exemplo, iguala em plano imaginário todos os tipos de profissão e oculta o fato de as pessoas serem submetidas a trabalhos árduos e alienados. Mostram a sociedade como una e harmônica, cada pessoa cumprindo o seu papel como se fosse um destino a que se pode fugir e ao qual se deve confirmar. A impressão que esses livros trazem é que a riqueza e a pobreza fazem parte da natureza das coisas, e não são resultados da ação dos homens. Restando somente aos pobres a paciência e o conformismo e aos ricos a generosidade de ajudar.

A família é apresentada sem conflitos, com papéis bem marcados: o pai tem a função de provedor; a mãe é a “rainha do lar”; a criança é atenciosa e obediente e, caso não seja, isto é mostrado como um desvio que precisa ser corrigido; a empregada, geralmente preta, é feliz por ser “quase” alguém da família. Mundo sem preconceito, este, em que as raças se irmanam. Quanto a pátria, retrata um ilusório pais tropical rico e exuberante, habitado por gente cordial, virtuosa em sua pobreza e conformada no trabalho escravo mostrando a pobreza como um privilégio de quem almeja somente as riquezas da alma.

onde terminam  
as aspas?  
citação de  
onde?

O que podemos pensar a respeito dessa escamoteação da realidade feita pelo livro didático é que estabelece uma contradição entre o discurso que ele profere e a realidade. Camufla a desigualdade até quando a reconhece como, por exemplo: o pedreiro é pobre, mas é importante para a grandeza da nação. Mascara a divisão e não estática e imobilista da família da escola e do mundo; acentua estereótipos ou seja, impede a tomada de consciência dos conflitos e contradições da sociedade, criando, pelo contrário, uma predisposição ao conformismo e possibilidade.

Acredito que ainda há uma possível ação transformadora da escola, partindo do fato de que a práxis educativa não é neutra, mas está vinculada a uma sociedade, às

relações de produção, ao sistema político. Não se justifica nada fazer enquanto não houver a transformação da sociedade, pois a escola é um espaço de luta, de denúncia da domesticação e seletividade e de procura de soluções, ainda que precárias e parciais.

*“Se amanhã uma educação revolucionária for possível é apenas porque, hoje, no interior de uma educação conservadora e racionaria, os elementos de uma nova educação, de uma outra educação, libertadora, se formaram dentro de uma educação conservadora e racionaria. Essa mudança de espaço dominado para outro; por isso, é necessária uma verdadeira pedagogia do conflito que evidencie as condições em vez de camuflá-las, com paciência revolucionária, consciente do que historicamente é possível fazer, mas sem se omitir”. (Gadotti 1998, p. 64)*

*Relacionais estes dois  
últimos parágrafos - seu e  
citação - ao seu objeto  
do estudo - a ideologia.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou o conceito de ideologia, desde seu processo de construção histórica até sua aplicabilidade e vigência no fazer pedagógico. Vimos que existem várias ideologias que permeiam a sociedade de um modo em geral.

Em Marx, a ideologia é vista como um conjunto de idéias, valores e crenças que se desenvolvem a partir da luta de classes. É nessa luta de classes que a classe dominante constrói um ideário que permeia todo o cenário social, subjugando um grande contingente de pessoas e grupos. Marx acreditava que são as relações de produção que determinam a consciência social. Assim, é a classe que detém o poder // (capital) que vai determinar as relações de poder existentes na sociedade.

Já Gramsci compreende a ideologia como um elemento que está no complexo estrutura/superestrutura, que ele chama de bloco histórico. Assim como a estrutura e a // superestrutura formam um bloco histórico, o homem também é visto como um bloco histórico, pois é a síntese de relações sociais e históricas que produz idéias, valores e normas para atuar na sociedade.

Enfim, para Althusser, a ideologia é uma relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Althusser busca os fundamentos epistemológicos da obra de Marx. Luta contra uma interpretação mecanicista e a visão essencialista de Hegel. Ele propõe uma nova visão do “todo social” ou da formação social, criando a metáfora do edifício, comparando a sociedade a um edifício com seus pilares e diferentes andares. ~~Os pilares compõem a infra-estrutura e os andares superiores a // superestrutura.~~

Partindo do pressuposto de que numa sociedade de classe, como a que vivemos, os privilégios concedidos a alguns impedem a grande maioria de usufruir os bens produzidos, entre eles a educação, Freire

*... "Se refere a dois tipos de Pedagogia: a Pedagogia dos dominantes, na qual a educação existe como prática da dominação, e a Pedagogia do oprimido –*



*tarefa ainda a ser realizada, na qual a educação surge como prática de liberdade". (Aranha, 1989, p.269)*

A pedagogia dos dominantes é aquela que não permite o desabrochar das potencialidades do ser humano, por fazer com que as pessoas se adaptem às regras // sociais existentes, sem alcançar uma percepção crítica da realidade.

A escola que temos e que se tornou um veículo desta educação domesticadora nos compartimentaliza, impelindo só intelectuais para os livros e os trabalhadores exclusivamente para os trabalhos manuais. Divide, desintegra tudo aquilo que constitui a integridade, a complexidade de ser humano ou de um grupo social em vez de ser fator de libertação das potencialidades humanas, de desenvolver aquilo que há de melhor em nós, aquilo para que fomos feitos. Procura reduzir-nos ao pior de nós mesmos ao buscar opor-nos uns aos outros: o sentimento à razão, o intelectual ao manual, a teoria à prática. Enfim, é este pensamento dualista que a escola reproduz, inculca e exige para poder funcionar.

A escola capitalista, seletiva e classista, é um recurso "extra-econômico" para reproduzir as classes sociais. Permeada pela filosofia liberal, propaga a educação igualitária e a possibilidade de ascensão social. No entanto, este caráter promotor da escola é mera ilusão ideológica, cultivado pela burguesia como instrumento de // dominação.

Contudo, não é só a escola que transmite a ideologia da classe dominante, não é só o livro didático que, no seu interior, é responsável por sua veiculação. O próprio professor, com sua postura, seus conhecimentos, pode garantir a sua transmissão.

Sendo assim, vivemos o enorme desafio de transformar o atual sistema educacional, de modo que ele possa atender a um mundo que tende à globalização, em todos os sentidos. Precisamos de uma educação do eu como parte da espécie humana. Uma educação do senso de humanidade, que permita ao indivíduo o seu desenvolvimento integral, nos seus múltiplos aspectos, fazendo com que ele perceba // como um todo e, ao mesmo tempo, como uma parte independente do universo.

As instituições de ensino, como as conhecemos, não atendem a essas exigências. Elas foram concebidas para uma sociedade há muito tempo superada. A mudança que se faz necessária torna urgente a pesquisa de novos métodos, currículos e recursos didáticos.

Para tanto, é preciso que cada educador dê a sua contribuição, propondo uma educação holística que se sintonize com o sentido amplo de educação. A ciência comprova que temos surpreendentes capacidades para conhecer, para criar, muito além daquilo que as escolas têm explorado até agora. Ao tomarmos consciência de nossas possibilidades, somos capazes de escolher, decidir e de assumir a direção de nossa própria existência. Assim, a educação deve visar a autonomia dos sujeitos, e não a sua alienação, a sua conformidade.

A escola, em lugar de preocupar-se basicamente com a transmissão de fatos e conhecimentos técnicos, deve ajudar os alunos a descobrir suas vocações e a responsabilidade de realiza-las.

*Melhorar  
este final!*

*OK!*

## **BIBLIOGRAFIA**

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. RJ, Graal, 1997.

ALVES, Rubem. O preparo do educador. In BRANDÃO, C.R. (org) CHAUÍ, M., FREIRE, P. et al. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1983

ASSUNÇÃO, Maria Madalena de. **Magistério Primário e Cotidiano Escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. Vol. 53.

BOUDON, Raymond. **A ideologia**. São Paulo: Ática, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa. Presença, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa. Difel. 1986.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia?** 2ª ed. ver. E Ampl.. – São Paulo.

CORRÊA, Vera. **O processo da construção da consciência crítica do professor**. Informação Pedagógica, Rio de Janeiro: Secretaria Extraordinária de Programas Especiais, n. 2, 1993.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas,SP: Papyrus, 1989. Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico.

CUNHA, Maria Fénelon. **A pedagogia holística face às exigências de uma educação**. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, V. 20, n. 98/99, p. 34-36, jan./abr, 1991.

DA IDEOLOGIA. **Organizado pelo Centro de Estudos Culturais da Universidade Birmingham**. RJ, Zahar, 1980.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma Introdução**. SP, Editora da UNESP/Bom tempo, 1997.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do Professor: Meta, mito ou nada disso?** 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2000. Coleção Questões da Nossa Época. Vol. 39.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: introdução a Pedagogia do Conflito**. São Paulo, Cortez, 1985.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. RJ, Civilização Brasileira, 1978.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas, SP: Papirus, 1997. Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo, Cortez, 2000. Coleção Questões da Nossa Época. Vol. 77.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas Históricas da Educação**. SP, Ed. Ática, 1995.

LÖWY, Michel. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 1998.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MARX, Karl. **Obras escolhidas**. Moscou, progresso, 1974/1975, vol. I, III.

MARX, Karl e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. RJ, Zahar, 1985.

MELLO, Guiomar Namó de. **Educação escolar – paixão, pensamento e prática**. São Paulo: Cortez, 1986.

MELLO, Guiomar Namó de. **Magistério de 1º Grau: da competência técnica ao compromisso político**. 7 ed. São Paulo, Cortez/ Autores Associados, 1987.

MOREIRA, A.F.B. **Escola, currículo e construção do conhecimento: novas reflexões**. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, n. 118, mai./jun, p.3-6, 1994.

NARANJO, C. **Educando a pessoa como um todo para um mundo como um todo**. In: BRANDÃO, D.M.S. & CREMA, R. **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus, 1991.

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. Campinas: Papyrus, 1993.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleções Polêmicas do nosso Tempo. V. 40).

SOUZA, Aparecida Néri de. **Sou professor, sim senhor!: Representações do Trabalho Docente**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. Coleção Magistério: formação e prática pedagógica.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, Vozes, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão: Os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial**. Petrópolis: Vozes, 1986.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. Ed. Brasiliense, SP, 1991.

Segundo avaliador:

Professor orientador

Professor: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 8,5 (oitto)

**Considerações Finais:**

O trabalho da aluna apresenta um tema interessante sobre a importância de quem lê. Ela apresenta uma análise crítica e reflexiva sobre a importância da leitura e a necessidade de se atualizar constantemente. Ela apresenta suas análises de forma clara e objetiva. Pelo esforço da aluna, atribuo-lhe a nota 8,5 (oitto e meio).

Angela Maria Souza Martins

Tercero avaliador: 9,0 *lille*

Formalmente, o trabalho está bem apresentado. Porém, há questões que poderiam estar melhor trabalhadas (citações)

$$8,0 + 8,5 + 9,0 = 25,5 \rightarrow 8,7 \text{ *lille*}$$

$$\text{Média final} = 8,7 \text{ *lille*}$$



UNI-RIO  
Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : TERESINHA DE JESUS SOARES LEITE DIAS

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE DIFERENTES CONCEPÇÕES DE IDEOLOGIA E SUA APLICABILIDADE NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

ORIENTADOR : PROF. DR. ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

\* Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: LÍGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA EVELHO

Nota : 8,0 (oit)

**Considerações Finais:**

*O texto trabalhado é interessante e a relação estabelecida com a escola bastante oportuna. Há material bibliográfico suficiente e questões levantadas pela abordagem, pertinentes e de boa fundamentação. No entanto, falta mais embutido, tanto na organização do material argumentativo, quanto na elaboração do trabalho final. Observamos, ao longo do texto, trechos repetidos; idéias igualmente repetidas; parágrafos "órfãos" ou sem conexão com os que os antecedem; parágrafos sem conexão com palavras mal utilizadas ou ausência de termos que esclareçam o que o autor quer, realmente, dizer.*

*Em suma, parece-se que o trabalho foi terminado de pressa, sem o devido aprofundamento reflexivo, o que é uma pena, quando se conta o histórico - como aluno - de Teresinha.*

*L. Coelho*